



View of the exhibition "Cinq": Histoires vraies 1988-2018, 2019" at Musée Grobet-Labadié, Marseille, 2019. Photographer: Kleinfenn 2019 © Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

propor uma compreensão do comportamento sexual do passado com base apenas em fontes arqueológicas é um erro, que pode levar a mal-entendidos ou a conclusões equivocadas.

Pessoalmente, acredito que não é possível empregar categorias do presente para definir comportamentos ou práticas sexuais do passado pré-colombiano. Este, porém, é um campo que segue em estudo e que tem muito a oferecer. Autoras como Mary Weismantel (2021) ou Bat-Ami Artzi (2020) estão reinterpretando nosso entendimento das relações de gênero e da sexualidade no Peru pré-colombiano, e ainda há muito para investigar e interpretar a respeito.

## Referências

- Artzi, B.-A. (2020). Dando vida, tomando vida: género, sangre y fertilidad en el arte andino antiguo. Em M. Curatola Petrocchi, C. Michaud, J. Pillsbury & L. Trever (ed.), *El arte antes de la historia: para una historia del arte andino antiguo* (pp. 387-417). Fondo Editorial PUCP.
- Larco Hoyle, R. (1965). *Checan*. Nagel.
- Lozada, M. C. (2019). Indigenous anatomies: ontological dissections of the indigenous body. Em H. Tantaléan & M. C. Lozada (ed.), *Andean ontologies: new archaeological perspectives* (pp. 99-115). University Press of Florida.
- Weismantel, M. (2021). *Playing with things: engaging the Moche sex pots*. University of Texas Press.
- Woloszyn, J. & Piwowar, K. (2015). Sodomites, siamese twins, and scholars: same-sex relationships in Moche art. *American Anthropologist*, 117(2), 285-301

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte.

Calibán -  
RLP, 21(1),  
217-222  
2023

Victor J. Krebs\*

## Peripécias de Eros na revolução digital

*E estas coisas  
que vivem o fugaz,  
compreendem que teces o seu louvor;  
efêmeras,  
adivinham salvadores em nós,  
os mais efêmeros.  
Que em nossos corações invisíveis  
se cumpra a sua  
metamorfose – infinitamente!*

Rainer Maria Rilke, *Elegias de Duíno*, "Nona elegia"

## Prelúdio

1. Já não vivemos apenas no mundo empírico, mas também nesse mundo mais etéreo da infosfera, onde a ontologia é digital e a ordem do dia é a circulação de dados, a informação transparente e imediata. Sua temporalidade é o presente instantâneo, de modo que "não é possível deter-se na informação. Tem um intervalo de atualidade muito reduzido. Vive do estímulo da surpresa. Por sua fugacidade, desestabiliza a vida" (Han, 2021, p. 14). Sua volatilidade torna impossível a espera, que justamente é o que abre este espaço na psique onde as coisas amadurecem e se assentam em nós, tornando-se íntimas.

Na vertiginosa contingência de nossa vida digital, somos tomados por um anseio inesgo-

tável de mais informação e uma compulsão à extroversão, a ver e ser vistos. O que antes era privado e encoberto agora se oferece voluntária e às vezes avidamente como espetáculo ao olhar público. O pudor, que antes protegia o âmbito pessoal da exposição, desaparece na virtualidade, onde a intimidade se derrama sem escrúpulo nem filtro. Um frenesi coletivo, uma febre.

2. No ritmo do algoritmo a que somos submetidos pelo digital, o futuro se contrai num presente veloz, eficiente e otimizado. Sua instantaneidade fugaz desmonta a memória; não há nada para lembrar no interminável dilúvio de dados, que permanentemente nos propõe adiante no tempo, instante após instante. A quantidade excessiva e a rapidez da informação nos impedem de metabolizá-la. Apenas engolimos. "Nossa obsessão já não são as coisas, mas a informação e os dados. Agora produzimos e consumimos mais informação que coisas. Literalmente nos intoxicamos com a comunicação [...] nos tornamos todos infômanos" (Han, 2021, p. 14).

\* Pontificia Universidad Católica del Perú.

1. N. do T.: tradução de D. F. Silva. A tradução da citação está em: Rilke, R. M. (2013). *Elegias de Duíno*. Globo. <https://amzn.to/3P4530y> (Trabalho original publicado em 1923). No original: "– Und diese, von Hingang/ lebenden Dinge verstehn, dass du sie rühmst; vergänglich,/ traun sie ein Rettendes uns, den Vergänglichsten, zu./ Wollen, wir sollen sie ganz im unsichtbarn Herzen verwandeln/ in - o unendlich - in uns!"

Por sua instantaneidade e fluidez permanente, não importa o sentido da mensagem no digital, mas sua repercussão nas redes, seu efeito no momento em que aparece. Diante da distração contínua de seu fluxo, perdemos a capacidade de atenção e, com isso, o cuidado. Também se reduz nossa capacidade de compromisso e, em última instância, Eros acaba por se retirar de nossa relação com as coisas.

3. Se a tecnologia é um fármaco, ou seja, tanto remédio como veneno, então o problema proposto por essa situação não é do tipo polarizante, obrigando a oscilar entre entregar-se e resistir ao digital. (De qualquer modo, não há como voltar atrás.) É antes o problema farmacológico da dosagem necessária para evitar que esse complexo ambivalente que é a tecnologia se torne tóxico. Mas primeiro é importante, e até indispensável, identificar os perigos do digital para saber como enfrentar ou anular, na própria tecnologia, o que poderia causar uma perda irreparável na existência humana.

### Simulacros

Cabe lembrar que, 100 anos atrás, o poeta Rainer Maria Rilke já falava de uma perda erótica semelhante na cultura, na mudança de atitude em relação aos objetos que começava a observar na América do Norte.

Ainda para nossos avós, uma “casa”, uma “fonte”, uma torre conhecida, e mesmo a vestimenta, a roupa, eram infinitamente mais familiares; quase cada coisa era um recipiente em que encontravam algo humano e armazenavam o humano. Agora, coisas vazias e indiferentes, vindas da América, nos invadem, coisas apenas aparentes, falsificações de vida... Uma casa, segundo a concepção americana, uma maçã americana ou um cacho de uvas de lá não têm nada em comum com a casa, o fruto, o cacho em que tinham

sido introduzidas a esperança e a meditação de nossos ancestrais. (Rilke, citado por Heidegger, 1950/1960b, p. 216)

Da mesma forma que para Walter Benjamin (1936/2003), no começo do século passado, a reprodutibilidade técnica roubava da obra de arte sua aura, ou seja, tudo o que lhe dava profundidade estética, para Rilke o pragmatismo americano roubava dos objetos sua conexão com nossas “esperanças e meditações”. Mais tarde, com o auge da industrialização e do capitalismo de consumo, os objetos passam por um esvaziamento de sentido relacionado com a mesma desconexão – convertidos em “mercadoria”, tornam-se “simulacros do vivo”.

No século XXI, é nossa compulsão informática a responsável por um mundo sem alma nem Eros. O mundo virtual recobre os objetos com um verniz sedutor e uma dose de adrenalina no espetáculo da informação. Em seu imediatismo compulsivo, a imagem nos retira dos espaços de interioridade em que poderiam ser gestadas a reflexão e a consciência.

A realidade concreta se dissipa em dados, *pixels* programados na tela virtual, a fim de satisfazer a fantasia e a imaginação, que no fluxo incontrolável da informação tornam-se impotentes para relacioná-la à vivência e insuflar vida nela. Sugados pelo mundo digital e seu ritmo frenético, somos convocados à busca interminável de um desejo sem destino, em que a diferença já não nos interessa, nem a discernimos entre o artifício e o vivo.

A lógica é a mesma que a dessa “espécie de luxúria” que é nossa compulsão consumista, tão bem descrita por Lewis Hyde (1983):

Desejamos que o mundo flua através de nós como ar ou comida. Temos sede e fome de algo [...]. Mas os bens de consumo apenas incitam esse desejo, não o satisfazem. [As pessoas] são convidadas a uma ceia sem paixão, um consumo que não oferece saciedade nem abrigo. São [...]

seduzidas a se alimentar das migalhas do capital de outro sem o benefício de uma nutrição interior, e ao fim da ceia continuam famintas, deprimidas e cansadas. (p. 10)

### O movimento do dedo

A passagem da cultura da escrita para a cultura digital implica uma mudança que afeta diretamente nossa relação com o mundo. Deixamos de nos relacionar com as coisas por meio da mão e começamos a usar o dedo, que digitaliza o que a mão apalpa, tornando imediato, sem peso, etéreo o que para ela era opaco, pesado, resistente. Segundo Flusser (1985/2017), “as pontas dos dedos não apenas tocam, mas também podem assinalar algo. Podem mostrar a direção de algo, designar algo, sem necessariamente ter de tocar o que assinalam, designam, significam” (p. 69).

A complexidade da matéria se torna refeita nos números. Quando a narrativa e a descrição são substituídas pelos *rankings*, recordes e estatísticas, satisfaz-se a obsessão informática, inclusive se otimiza a relação técnica e instrumental, mas às custas da profundidade sensível e estética, da qual sempre poderia surgir uma nova afirmação. “No lugar de um estar atento ao movimento espontâneo da realidade”, como diz Heidegger (1950/1960a), vivemos esperando “a confirmação de uma regra, de um conceito prefixado, de um preconceito” (p. 73). É como se fosse uma estratégia sistemática e inconsciente para evitar a interiorização da experiência, deslocando-a “o mais completamente possível para fora do homem: aos instrumentos e aos números”<sup>1</sup> (Agamben, 1979/1993, p. 17). Na vida digital, tudo, incluindo o afeto e as relações, é apresentado visando conseguir *likes* ou o que quer que seja. Sem eles, porém, nada existe.

Até então o ser humano tinha se vinculado, através da mão, a um mundo conformado por coisas. Mas na infosfera em que vivemos tudo é diferente. Já não manipulamos coisas sólidas, e sim informação, que por meio do movimento de nosso dedo age e reage a nós. Estamos imbricados num sistema orgânico virtual que se insere na materialidade da experiência e a descoisifica.

De fato, desde o princípio a tecnologia seguiu um caminho crescente de abstração, de descoisificação da realidade. Primeiro, com a palavra, que abstrai a realidade do tempo; depois, com a pintura, que a representa na superfície; a seguir, com a escrita, que a abstrai do espaço; por fim, com a digitalidade, que a dissipa em *pixels*, pontos de luz que se configuram digitalmente. O deslocamento do gesto da mão para o dedo na digitalidade representa a fuga máxima do concreto, um recuo da matéria, que de acordo com Flusser (1985/2017) alcança a “zero-dimensionalidade” no digital (p. 30).

### Infomania

Há 40 anos, muito antes da revolução digital que vivemos hoje, Robert Sardello (Sardello & Severson, 1983) observava que, com a invenção do cartão de crédito, tornamo-nos capazes de obter os objetos de nossa fantasia sem o esforço que lhes atribuiria sentido e valor real:

Os cartões de crédito liberam o dinheiro da localidade da cidade humana e da vitalidade do corpo comunitário, desobrigam a memória e o corpo do trabalho da imaginação, e se fundam no ideal utópico de um mundo sem localização espacial, sem ação humana. Os cartões de crédito nos enganam ao nos fazer acreditar que pode haver uma conexão imediata entre a imaginação e sua realização em objetos. (p. 18)

Esse engano continuaria vigente – mas ampliado – na dimensão digital, em que nossa imaginação adquire de fato imediata reali-

1. N. do T.: tradução de H. Burgo. A tradução da citação está na p. 26 de: Agamben, G. (2008). *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. UFMG. (Trabalho original publicado em 1979)

zação virtual. E agora já envolve quase todos os aspectos da vida, não mais se restringindo a nossa relação com o dinheiro.

Satisfazemos os desejos desse eu digitalmente expandido no imediatismo virtual, em seus intercâmbios e encontros. A emoção que nos domina diante da tela, com nosso *smartphone*, denuncia um despuorado desejo de sermos vistos, de nos sentirmos contidos na mente do outro ou de sustentar o outro na nossa. Mas a emoção e o prazer já não estão relacionados com os objetos internos de que se ocupa a psicanálise. Dependem do exibicionismo e do voyeurismo que a transparência informática engendra, e que nos condenam a estar continuamente comparando a nossa vida com as dos outros. Nossa vida é definida pelos objetos externos transbordantes de vivacidade, vitalidade e variação que se implantam em nossa consciência cotidiana pelas telas e suas imagens, pela informação perene, que num ritmo acelerado e implacável nos ensurdece aos ritmos do ser interior e ao livre surgimento de suas imagens.

Mas nossa relação com as coisas implica uma alquimia psíquica, pela qual possamos convertê-las (por exemplo, o poder aquisitivo do dinheiro) num recipiente hermético onde condensar a imaginação e a realidade para transfigurar a experiência e conferir a ela um sentido para nós. Não há nada mais evidente que o ímpeto da vida digital, contrário a essa alquimia, em sua necessidade de extroversão. Somos consumidos pelo desejo de expandir o eu além dos limites de lugar e estar em contato virtual simultâneo com uma multidão de outros. Esse afã de se submergir numa rede coletiva tem uma qualidade voraz que tentamos sufocar – justamente, voltando os olhos para nosso *feed* de notícias, as pessoas que marcamos como amigos ou seguidores, nossas atualizações de *status*, as fotos, os *reels* e *likes* dessa miscelânea copiosa e selvagememente aleatória e vital de nossa virtualidade digital –, o que nos distrai da alquimia mencionada.

Ao mesmo tempo, ao subverter os critérios

habituais que distinguem o real do fictício, o virtual do real, a inundação digital parece substituir uma dimensão da realidade com a qual estamos familiarizados por outra, incomensurável e desconcertante, que, desvinculada de nossas referências fiáveis, suspende-nos no vazio. Mas não podemos descartar a possibilidade de, por baixo desse limbo opaco de incerteza crescente, estar surgindo um horizonte totalmente novo, que não vemos principalmente devido ao esquecimento da natureza farmacológica da tecnologia, sob nossa responsabilidade dentro desse complexo.

### Disrupção

Para Bernard Stiegler (2001/2010), um dos riscos da era digital está em nossa submissão ao que denomina “objetos temporais industriais” (p. 3), ou seja, aqueles produtos de consumo massivo (videoclipes, *memes*, *reels*, *trending topics* etc.) fabricados pelas indústrias que são vistos ou escutados simultaneamente por milhões, e às vezes centenas de milhões, de consciências. Somos todos canalizados ou quase empacotados numa só consciência, e a uma mesma velocidade, alta demais para que haja outro estado de consciência que não a estupefação voluntária e coletiva.

Segundo Stiegler (2019), o processo de individuação mediante o qual cada indivíduo adquire consciência se define pela interação entre o “eu” e o “nós” (pp. 15 e ss.). Essa interação dá origem a um ritmo que conduz ao livre jogo entre o coletivo e o individual, e ao equilíbrio entre divergência e convergência, numa espécie de dança entre sincronicidade e diacronicidade. Os objetos temporais industriais, no entanto, impõem à consciência uma temporalidade que suspende e torna impossível o processo de individuação psíquica, interrompendo a compreensão – *savoir-vivre* – tanto pessoal quanto coletiva. De acordo com Stiegler,



View of the exhibition “2 projects of Sophie Calle ‘Parce que’ and ‘Souris Calle’” at Perrotin Paris, 2018. Photographer: Claire Dorn. © Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

o poder automático da desintegração reticulada se estende por toda a Terra através de um processo recentemente denominado disrupção. A reticulação digital penetra, invade, parasita e, em última instância, destrói as relações sociais na velocidade da luz. [...] Explorando sistematicamente o efeito “rede”, esse niilismo automático esteriliza e destrói a cultura local e a vida social como uma bomba atômica. (p. 7)

Han (2021) sublinha a perda gradual de nossa diligência e autonomia nesse mesmo processo:

O ser humano se vê diante de um mundo que resiste aos esforços de compreensão. Obedece às decisões dos algoritmos, que carecem de transparência. Os algoritmos se convertem em caixas-pretas. O mundo se perde nas camadas mais profundas das redes neuronais, às quais o ser humano não tem acesso. (p. 18)

A temporalidade digital rompe processos de consciência necessários para a vitalidade psíquica – o luto, a reflexão, o reconhecimento – ao nos submeter ao fatídico ritmo do algoritmo, que opera exclusivamente a serviço do mercado e da economia de consumo.

Como demonstra Stiegler (2013), o fenômeno é psicologicamente analisável em função da perda do que Winnicott designa como espaço potencial, em que (inicialmente na relação fundante entre o bebê e a mãe) se realiza a conexão erótica com o mundo e se adquire “a razão de viver que cria e proporciona o sentimento de existir”. A ruptura que a digitalidade provoca acontece precisamente no espaço potencial, e com isso perdemos o sentido das coisas e avançamos em direção à “loucura, ou seja, à perda da razão”. Para Stiegler, é evidente que a expansão desse estado de coisas a todo o mundo é um dos fatores-chave que subjazem à revolta, à ira, ao ódio e à violência que invadem o planeta.

A mesma perda do exercício da imaginação, da conexão de nossa razão com nossa afetividade, de que se lamentava Rilke se acha hoje na sociedade digital, a qual se encontra não só anestesiada, mas também sem nenhum valor compartilhado através do qual poderia conferir sentido a sua existência. Uma cultura cujo Eros está desamparado. A intollerância, a polarização, o ódio, a violência, a agressividade de nosso tempo não são senão sequelas desse desamparo. Stiegler (2019) adverte funestamente:

Se não fizermos uma crítica ecológica às tecnologias e indústrias do espírito, se não mostrarmos que a exploração ilimitada dos espíritos como mercados conduz a uma ruína comparável à que [os imperialismos de todo tipo] foram capazes de criar [em sua depredação inconsciente], inevitavelmente nos dirigiremos a uma explosão social global, ou seja, à guerra absoluta. Hoje essa explosão é iminente. Todos nós sabemos e tememos isso, mas também o reprimimos e negamos, a fim de seguir vivendo com dignidade [*dignement*]. No entanto, já não é mais possível continuar reprimindo: na etapa em que entramos, isso se converte, precisamente, em algo indigno [*indigne*] e literalmente covarde. (pp. 5-6)

## Coda

Com sua lógica do capital e a tirania do número, a cultura virtual nos submete cada vez mais ao império do algoritmo, o qual – com sua velocidade, seu imediatismo e seu automatismo – impede o trabalho necessário para injetar o sentimento nas coisas e cultivar Eros. Desse modo, vivemos numa realidade apática e ao mesmo tempo opressora, que se traduz na trágica e inútil busca de sentido. Segundo Han (2021), obcecados com a informação e os dados, vamos nos intoxicando com a comunicação, atacados pela infomania.

Como tudo é reduzido à informação, e a informação é transparente, desaparece de seu âmbito tudo aquilo que não seja transparente. Nesse sentido, a ordem digital esteriliza a existência humana e elimina toda opacidade. Quando tudo se converte em dado, já não é necessário o processo metabólico para transformar a informação em experiência, para cultivar a própria subjetividade.

Com efeito, trata-se de uma perda lamentável. No entanto, sendo fiéis à natureza farmacológica do digital, não seria preciso nos perguntar se essa perda não está nos escondendo uma nova abertura, um novo horizon-

te ou mesmo novas possibilidades de sentido, que ainda não podemos imaginar? Em todo caso, qual seria a nova dosagem necessária para que o fármaco não se torne veneno?

## Referências

- Agamben, G. (1993). *Infancy and history: essays on the destruction of experience*. Verso. (Trabalho original publicado em 1979)
- Benjamin, W. (2003). *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica*. Itaca. (Trabalho original publicado em 1936)
- Flusser, V. (2017). *El universo de las imágenes técnicas: elogio de la superficialidad*. Caja Negra. (Trabalho original publicado em 1985)
- Han, B.-C. (2021). *Non-things*. Polity.
- Heidegger, M. (1960a). La época de la imagen del mundo. Em M. Heidegger, *Sendas perdidas*. Losada. (Trabalho original publicado em 1950)
- Heidegger, M. (1960b). ¿Para qué ser poeta? Em M. Heidegger, *Sendas perdidas*. Losada. (Trabalho original publicado em 1950)
- Hyde, L. (1983). *The gift: imagination and the erotic life of property*. Vintage Books.
- Sardello, R. & Severson, R. (1983). *Money and the soul of the world*. The Pegasus Foundation.
- Stiegler, B. (2010). *Technics and time, 3: cinematic time and the question of malaise*. Stanford University Press. (Trabalho original publicado em 2001)
- Stiegler, B. (2013). *What makes life worth living: on pharmacology*. Polity.
- Stiegler, B. (2019). *The age of disruption: technology and madness in computational capitalism*. Polity.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Calibán -  
RLP, 21(1),  
223-227  
2023

Victoria Brocca\*

# Masculinidades violentas e erótica criminal no tsunami neoliberal

Nos últimos anos, presenciamos no México um aumento dos níveis de violência. Esse fenômeno, em princípio, como espero mostrar, está vinculado às mudanças ocorridas na economia global e local. No entanto, também, as falidas estratégias de segurança e combate ao narcotráfico seguidas pelos governos – em particular, desde 2006, com a chamada guerra contra o narcotráfico instrumentada pelo então presidente Felipe Calderón Hinojosa – desembocaram em uma espiral crescente de violência que cada vez mais afeta segmentos da população alheios a essa dinâmica.

Esse fenômeno se vê acompanhado da tendência a transformar em espetáculo atos criminosos cometidos pela delinquência organizada, destinado a amedrontar a população, particularmente no que se refere aos feminicídios, que são funcionais a essa lógica depredadora; imagens que são difundidas pelos meios de comunicação massivos e que revelam, além das falhas na administração de justiça, os descuidos de uma sociedade que não garante a segurança das mulheres (Berlangua, 2018, p. 91).

O uso do terror não é novo. Trata-se de uma ferramenta empregada desde tempos imemoriais como recurso na guerra ou em regimes autoritários. No nosso continente, tivemos muitas mostras disso, antes e depois da conquista espanhola. No século XX, a ditadura instaurada no Chile por Augusto Pinochet em 1973 é um exemplo; como um pouco antes foi na Guatemala, na década de setenta e parte dos anos oitenta, a prática genocida

exercida a partir do Estado contra a população indígena.

O experimento chileno serviu para instaurar, à base de baionetas, o modelo neoliberal que pouco depois se estenderia a todo o planeta para reconfigurar as economias com modelos de produção flexível e que desembocaram, por um lado, em excedentes de mão-de-obra que o sistema produtivo não foi capaz de absorver e, por outro, na deslocalização e des territorialização da produção. Processo que foi acompanhado de uma progressiva redução do papel do Estado na economia em benefício exclusivo da lógica do mercado (Brocca, julho de 2016).

A recolocação da economia mundial foi possível também por conta do progressivo desmantelamento dos direitos trabalhistas, que fertilizou o terreno para que, com a instauração de estados de exceção, de enorme ambiguidade legal, como analisou e teorizou Agamben (2003/2005), muitas vidas consideradas descartáveis fossem arrasadas pela violência exercida a partir do interior ou fora do aparelho estatal, em uma zona obscura onde quem representa a lei muitas vezes se confunde com os criminosos que supostamente combate.

Outro fenômeno que assistimos no México é a imbricação da economia legal com a economia criminal, e a transnacionalização das atividades dos grandes cartéis que abarcam e lucram com atividades legais do setor formal da economia, não só para a lavagem de capitais, senão no setor extrativista: roubo de combustíveis, madeira, minerais, além de gerenciar tra-

\* Escritora e dramaturga.